

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia

Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

O escandalo

E' assombroso o effeito que o escandalo produz em certos espiritos, principalmente quando parte dum ministro sagrado ou de pessoas que frequentam a igreja e os sacramentos.

O escandalo que mais se aprecia é a deshonestação. Quando alguma pessoa das classes apontadas dá signaes públicos de que é filha de Adão, isso é um mimo para certos espiritos pretenciosos e balofos. Com que prazer não fallam no caso! Quantas supposições não fazem para o circunsciarem bem! Que risinhos tam sardonicos não trocam entre si! Dum caso particular tiram conclusões geraes e assim incrustam mais solidamente algum prejuizo que já tivessem. "Quem se ha de fiar em taes devotas!", —E por este raciocinar cada vez arrefecem mais na religião, se é que a têm, e deixam-se possuir de taes prevenções, que será difficillimo extirpá-las.

E a que é devido isto? —Unicamente á ignorancia. E' bem certo o que eu li algures: "o peor inimigo da religião é a ignorancia".

Esses espiritos frivolos e levianos, que tanto apreciam um escandalo saído do santuario, se soubessem o Evangelho, não chegariam a conclusões tam disparatadas como aquellas que formulam. Se lessem o Evangelho, lá encontrariam estas palavras de Christo, S. N.: "necesse est ut veniant scandala." (S. Matheus, c. 18).

Reparem bem nessas palavras da sabedoria eterna. Não diz: é util, é conveniente que haja escandalos; mas emprega essa palavra assombrosa: *necesse* —é necessario. Sempre houve e sempre ha de haver escandalos, porque o escandalo entra nas vistas da Providencia. Deus o quer, não certamente por uma vontade de complacencia e approvação, mas por uma vontade permissiva e de tolerancia.

O escandalo serve para experimentar a constancia dos bons e dos justos; e para satisfazer a este fim, é *necessario* que parta daquellas pessoas de quem menos era de esperar, e revista aquellas circumstancias que sejam capazes de produzir um certo abalo nas almas boas.

A virtude é um edificio, pe-

nosamente construído durante annos; por isso á vida do justo se chama edificante. O escandalo é uma destruição, um desfazimento do edificio da perfeição. O justo edifica, mas a sua virtude não é firme nem solida, se não resiste ao vento de destruição que de todas as partes sopra contra elle.

O justo encontra um grande apoio no conselho dos seus superiores e no exemplo das pessoas boas; mas se os seus superiores se desmentem na prática ou alguma daquellas pessoas boas se perverte, elle tem que se sustentar pelas suas proprias forças; e é nesta occasião que se conhece a sua constancia, a sua heroicidade.

O justo é um heroe. Mil tentações o assediam por todos os lados e elle permanece firme e inabalavel, como um rochedo no meio do mar.

O Evangelho diz que é necessario que haja escandalos, mas acrescenta logo: "ai do homem por quem vem o escandalo!".

E' gravissima a sua responsabilidade, porque pôde occasionar a ruína de muitas almas. Elle é que alimenta os prejuizos contra a religião, fomenta a incredulidade, derranca a simpleza do povo e torna ridiculos os actos de piedade.

O escandalo tem effeitos tam funestos como os do furacão que destroça uma seara fructescente.

Todavia, se Deus o permite, é porque pôde servir para o bem. Já vimos que serve para experimentar a firmeza da virtude; mas ainda é possivel tirar delle mais algum bom effeito.

Uma pessoa, que tenha um juízo prudente, não se alegra com o escandalo, nem se ri com elle, nem procura espalhá-lo. Pelo contrario, deixa-se possuir dum santo temor e diz consigo no íntimo da sua alma: "Se fulano, fraquejou, eu, que sou do mesmo barro quebradiço, tambem posso fraquejar. E que desgraça não será a minha, se venho a cair nas mesmas miserias? Comtudo eu não quero cair; por isso hei de ser mais cauteloso commigo. Já vejo que é grande a fragilidade humana; preciso de toda a vigilancia para evitar os perigos em que me posso perder. Eu por mim nada posso; mas ferei confiança naquelle que me conforta".

Os mundanos porém todos se regozijam com o escandalo e, em logar de tirarem proveito delle, só o fazem servir para o

mal. Fraquejam na fé ou a deixam perder completamente, escarnecem da piedade e suspeitam temerariamente das pessoas piedosas, desvirtuam os actos dos ministros da religião e vivem como se não houvesse um juiz supremo a quem tenhamos de dar contas da nossa vida.

Se houvesse mais fé, não haveria tantos escandalos como ha; e se não houvesse tanta ignorancia, tambem os escandalos não seriam tam nocivos como sam.

P. A.

"O sacerdotes, vae mundo a scandalis vestris! — Qualis igitur ultio imminet sacerdoti scandalum danti!,"

Arvisenet.

Carta do Porto

Não é sem magua que temos acompanhado na imprensa o triste acontecimento do seminario de Bragança. Duas correntes de opinião, bem desencontradas, orientam os seus apreciadores. Dum lado estão os jornalistas catholicos, do outro os mais intemeratos liberaes. Todos dizem ser seu unico intento defender a verdade e proclamar a verdadeira justiça; mas, quando se chega ao fim, quando se tiram as conclusões dos seus escriptos, verifica-se que estão sempre em opposição. Os catholicos, lamentando sinceramente o nivel moral dos revoltados seminaristas, louvam a Deus por o seu Prelado ter procurado imprimir uma nova orientação áquelle estabelecimento moral e scientifico, e louvam-o tambem pela fortaleza com que se houve contra os incorrigiveis, que intentaram nada menos do que assassinar o vice-reitor e os prefeitos que os velavam. Castigou-os como mereciam, ou menos do que mereciam, expulsando perpetuamente alguns que mostraram muito mais vocação para o serviço militar do que para o munus ecclesiastico.

Expulsou outros temporariamente, por serem solidarios com os primeiros e renitentes em confessar a verdade. Não exorbitou, dizem, porque a mesma disciplina se observa em todos os estabelecimentos scientificos do reino, e mais razão tinha o sr. Bispo para assim proceder, porque todos os educandos eram seus verdadeiros subditos, que pela força do estado a que se dedicavam haviam de ser todos seus coadjutores. Razão mais ponderavel ainda é a santidade requerida no sacerdote, para que possa tratar santamente as coisas santas. E o caso de Bragança, que é do dominio publico, conjunctamente com inumeros outros que particularmente o precederam, mostram com toda a evidencia que em muitos seminaristas daquella cidade faltava por completo tal virtude.

Neste caso não havia que hesitar: para grandes males, grandes remedios.

Os liberaes, os homens da philanthropia e da tolerancia... para os amigos, esses envolvem-se no fino manto do sentimentalismo e assim enfeitados passam depois para o campo da razão, dando pancadinhas de amor nos seus pupillos e fustigando sem piedade quem lhes aponta e quem castiga seus actos torpes e immoraes. Os seminaristas, para effeito de desculpas, sam creanças; os sentimentos da epocha não sam de feição a tolerarem violencias; os rigores de justiça — que não os actos de perversão — conduzem a resultados de reacção, etc. E as conclusões depois sam logicas: Que intervenha o estado; o Bispo que se demitta; acabem os seminarios, etc., etc.

E por tal forma têm estes defensores da *liberdade* gritado, que o governo tem pensado seriamente em obrigar o sr. Bispo de Bragança a pedir a sua resignação.

Depois, para corroborarem o sentimento de justiça em nome de quem fallam, não occultam um sem numero de ameaças e perigos que esperam sua ex.ª no caso de não attender as suas pretensões.

Isto é espantoso, mas, infelizmente, é o que se tem passado.

As lagrimas destes crocodilos não podem enternecer ninguem que não esteja com disposições para chorar da mesma forma que elles. E Roma e a nunciatura de Lisboa e os snrs. Bispos do continente, que sam pares do reino, todos em globo ou cada um em particular ham de enxugar certamente essas lagrimas de sentimentalidade tam ingloriamente vertidas em favor da causa duns aspirantes a assassinos.

Porque, interrogamos nós, em que condições entraria um novo prelado para Bragança? Sancionando as medidas que este adoptou? Isso não, porque é o motivo porque se requer a resignação.

Annulando-as? Mas isso seria passar por cima da justiça; seria deixar triumphante a revolução; seria classificar o procedimento do resignatario de indiscreto e de injusto; seria levar féras scientes da sua força para uma jaula de pau sempre disposta a ceder ás suas arremetidas.

Portanto o caso por aqui não é viavel. Mas, se a força quiser triumphar da justiça, não ha de ter que intimidar um só homem. O sr. Bispo de Bragança tem onze collegas no continente, que sam outros tantos companheiros no parlamento. A voz dum só talvez faça comover todo o reino; a dos doze agitá-lo-ha, se preciso fór, para que um Bispo não seja manchado de lama.

A sua voz ha de ser forte, crêmo-lo firmemente, porque atrás de si, se tanto fór preciso, estará a nunciatura e estará Roma, que na pureza de sua doutrina illuminará a justiça e tornará mais negro o ferrete da perversidade. *Quod Deus avertat.*

R. L.

"A malvadez louvada torna-se intoleravel.."

As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos

VIII

Sexta Bem-aventurança

"Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt." — "Bem-aventurados os de coração puro, porque verám a Deus".

Se as Bem-aventuranças evangelicas sam as flores do Christianismo, é esta sem dúvida a mais formosa de todas. Tentemos meditá-la por um instante.

Primeiramente, que é pureza de coração? —E', antes de mais nada, a isenção de toda a falta grave: é a condição essencial para chegarmos á vista de Deus, que nos está reservada na outra vida. Na outra vida, porque neste mundo não podemos ver a Deus; só o podemos conhecer, isto é, saber com certeza que existe.

Este conhecimento temo-lo por dois modos: pela fé e pela razão. Pela fé, porque Deus se revelou aos homens; pela razão, porque toda a natureza é como um espelho onde vêm reflectir-se os attributos do Creator.

Mas, para conhecer a Deus duma ou doutra maneira, é preciso ter o coração puro; e quanto mais puro elle está, melhor se conhece a Deus. Primeiro, para ter fé sam precisas disposições moraes, cujo conjuncto forma a pureza do coração. A primeira destas disposições é a boa vontade, isto é, uma vontade simplez e recta, que busque sinceramente a verdade. Pois a fé não arrasta necessariamente o assentimento da razão humana; aliás não seria livre nem meritória.

E' preciso pois, para crêr, um acto de vontade, ajudado pela graça; e esta nunca falta ás almas de boa vontade. Não é um facto provado pela experiencia, que a fé se perde, quando se tornam más as disposições da alma? O peccado escurece a vista da intelligencia e impede-a de ver a Deus.

A alma que se encontra em estado de peccado tem todo o interesse em não admittir a existencia de Deus e em o não conhecer; porque, se Deus é um pae terno e compassivo, é tambem o vingador do crime e remunerador da virtude. Eiz o que levava um grande philosopho a dizer a seu filho: "Meu filho, conserva sempre a tua alma em estado de nunca duvidar de que Deus exista, e nunca de tal duvidarás."

Ter o coração puro é a mesma coisa que ter a consciencia pura? Cuidamos que não. A primeira expressão vai mais longe do que a segunda; a pureza do coração vai mais longe que a da consciencia. Pôde ter-se a consciencia rigorosamente pura, isto é, isenta de todo o peccado mortal, e todavia não ter a pureza do coração em toda a accepção da palavra.

Ter o coração puro é ter um co-

A Restauração

ração generoso, nobre, desinteressado, livre de toda a mesquinhez e de todo o egoísmo: é ter esse conjunto de qualidades moraes que adornam e aformoseiam a vida. Quantas pessoas piedosas não ha, cuja consciencia é pura, e cujo coração está longe de o ser!

Ora abi está um erro impertinente, que pôde fazer muito mal à religião. Uma devoção arida, sècca e esteril não tem o atractivo das consolações e pôde afastar da Igreja algumas almas menos generosas e elevadas. É um caso de experiencia, que muitas vezes poderemos verificar.

Finalmente — voltando à interpretação da nossa B-m-aventuranga — pôde dizer-se que o conhecimento de Deus, ainda no mundo, é proporcionado à pureza do nosso coração. Quem tem o coração puro, vê a Deus na história da humanidade, porque o homem agita-se, mas Deus governa o sempre. Vê tambem a Deus na sua história pessoal, na saúde, na enfermidade, na fortuna e no infortúnio; sempre e em toda a parte vê a mão de Deus.

Até é preciso ter o coração puro para gostar os grandes espectaculos da natureza, para contemplar a Deus no espelho da criação. Aquelle cujo coração está absorto nas coisas da terra, não é capaz de se elevar tanto, que veja a Deus.

Antes do Christianismo não se conhecia mais do que a pureza exterior. O Evangelho veio demandar outra pureza, uma pureza interior, a pureza do coração: é sobretudo a pureza nas intenções. E chama-se obrar com pureza de intenção o não ver em tudo quanto se faz senão a causa que se serve.

O que sois, soi-lo pelo coração; o que fazeis, fazei-lo porque o vosso coração vos diz que o fazeis. O coração mau faz o homem mau; o coração bom faz o homem bom. O coração do homem é o mundo interior, que dá as acções a sua physionomia propria. Eiz por que Jesus-Christo o quis para seu dominio, a fim de nelle estabelecer o seu reino: «O meu reino está em vós» disse elle.

Jesus pretende reinar no coração. Prescreveu o regulamento não só das acções exteriores, mas ainda dos pensamentos, das intenções, dos sentimentos. Escolheu discipulos, que eram pobres trabalhadores, alheios dos requintes do mundo: importavam-lhe pouco as suas feições grosseiras e mãos callosas. Mas uma coisa havia, que elles deviam ter e derramar em torno de si como um perfume precioso: era o amor da pureza do coração. O discípulo mais puro entre todos, S. João, era o predilecto do Mestre: foi o seu confidente na última ceia; a elle é que, do alto da cruz, legou sua Mãe.

A razão e a fé exigem que o homem domine e regule os prazeres sensíveis e os ordene ao fim para que foram estabelecidos. A insubordinação da parte sensível do nosso ser a respeito da parte espirital, a rebellião da sensibilidade e das suas inclinações contra o espirito, é a chaga mais profunda que o peccado abriu em nossa natureza: segundo a nossa razão abandona voluntariamente a direcção dos sentidos, na mesma proporção imos perdendo nossa grandeza e dignidade.

A pureza é a força vital do mundo e da Igreja: do mundo, porque sem ella o matrimonio christão ficaria descorado; da Igreja, porque é a pureza quem produz os milagres e prodigios de caridade e santidade, que nella se ostentam em todos os períodos de sua história.

Que viria a ser o mundo sem a pureza? — Tornaria a cair na barbaria. A virgindade foi uma semente de martyres, como os mar-

tyres foram semente de christãos.

Acabemos por uma reflexão profundamente verdadeira. Aquelle que perde a fé, perde tambem a pureza: esta virtude não vive senão nos corações onde a fé tem fundas raizes. Precisamente porque a fé não é viva, é que a pureza tem quasi desaparecido da face da terra. O espirito de impureza vai-se espalhando cada vez mais nas camadas da sociedade. A torrente da corrupção engrossa sempre e arrasta à perdição innumeráveis victimas.

Voltemo-nos pois para a cruz de Jesus-Christo e imploremos do divino Crucificado que dê ao mundo e à Igreja o que constitue a sua força: a pureza do coração. A seus pés está a Virgem das virgens, e o Discipulo virgem e a Magdalena que chora as suas quedas de outrora.

Oh bem-aventurados os corações puros, porque veram a Deus. O seu olhar limpido contemplá-lo-ha nas obras da natureza. Depois vê-lo-ham face a face durante a eternidade. «*Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt*».

(Continúa.)

“Fica condemnado o juiz que absolve o culpado.”

SCIENCIA PRATICA

Contra a tuberculose

(O alcoolismo)

Para concluirmos a enumeração das causas que tornam o nosso organismo terreno proprio para o desenvolvimento da tuberculose, cabe-nos fallar hoje da principal: o abuso das bebidas alcoolicas.

O alcool é o mais excellente «adubo» para a criação do nefasto microbio da tuberculose. A mortalidade pela tísica verificada nos sujeitos que se dam as bebidas alcoolicas é bem maior do que a causada pelas profissões em que os homens, muitas vezes mal alimentados, mal vestidos, mal aposentados, se encontram mais dispostos a accidentes ou a uma atmospheria viciada.

O Dr. Jacquet, commentando as estatísticas de Tatham, mostrou que na Inglaterra a mortalidade por tuberculose nos sujeitos que bebem muito excede duas vezes e meia a media da mortalidade geral. Em Bruxellas, de 1:000 mortes de moços de cafés, 666 sam devidas à tuberculose! Em França, os vendedores de cerveja dam a mortalidade uma proporção de 21,09 por 100; os taberneiros dam uma proporção de 23,57 por 100; os creados de cafés e de hospedarias, 34,15 por 100.

Largos estudos se têm publicado para fazer conhecer os grandes perigos individuaes e sociaes das bebidas alcoolicas. Todos os entendidos concordam em que é grandissima a influencia do alcoolismo no desenvolvimento da tuberculose. Insistimos todavia neste ponto, porque a indifferença, o erro, a paixão e o interesse combinados continuam o oppôr insuperavel barreira aos clamores da experiencia e da razão.

O Dr. Jacquet, já nomiado acima, em 252 doentes de tísica pulmonar averiguou que 180 eram alcoolicos; o que vem a dar uma proporção de 71 por 100. Outras estatísticas dam ainda maior proporção, elevando-a a 80 por 100. Lavarenne, em França, demon-

strou, num relatório apresentado à commissão extra-parlamentar de hygiene, que a mortalidade por tuberculose segue uma ascensão parallela ao consumo do alcool.

Na primeira metade do seculo XIX a tísica em França matava mais mulheres do que homens. Assim é que em Paris, de 1826 a 1830, houve 5:065 tísicos masculinos e 6:763 femininos. Só em 1895, tendo-se elevado o consumo do alcool de 1,12 litros a 4,07 litros por cada habitante, registaram-se apenas 4:128 mortes de mulheres tísicas, quando os homens mortos da mesma doença se elevavam a 6:513. Vê-se que os homens, que geralmente vam crescendo mais na proporção de alcool bebido, crescem proporcionalmente no contingente da mortalidade pela tuberculose.

Das investigações feitas por Bandran resulta que a mortalidade pela tuberculose sobe ao maximo nas cidades e logares onde se gastam mais bebidas alcoolicas.

É não ha que admirar em tudo isto. O alcool altera o canal digestivo: faz que os sujeitos não sintam fome, digiram mal, e, por conseguinte, não alimentem os seus batalhões de defesa. O alcool fatiga o coração, acelerando inutilmente os seus movimentos; e o coração acaba por ceder, por degenerar, por se carregar de gordura. O alcool inflamma, endurece os vasos sanguineos, e assim prejudica a circulação: os leucocytos, tambem alterados, impedidos em seus movimentos, não chegam a tempo para se opporem à invasão do microbio inimigo, aliás mais bem armado; ao passo que este vai realizando pacificamente a sua empresa, com notavel damno do organismo. Finalmente a maior parte do alcool introduzido no organismo é eliminada pelos pulmões com o ar expirado, e pelos rins com a urina. Todos conhecem o cheiro tam caracteristico do halito dos bebedores: mas o veneno não atravessa impune, por modo tam continuado, os canaes aereos; a sua acção irritante vai-se exercendo sem cessar e a congestão é o estado habitual da mucosa da arvore respiratoria. Este estado torna os bronchios e os pulmões muito vulneraveis. Quanto ao alcool que passa pelos rins, é demonstrado que altera estes orgãos e os fecha: assim os venenos fabricados pelo organismo deixam de ser eliminados, donde vem a intoxicación lenta e progressiva do sujeito, analoga á que observamos nos casos de excesso de trabalho. Que acção tam complexa e nefasta a que o alcool tem no terreno vivo!

Mas o alcool não offende só os que delle fazem uso; ameaça tambem a sua descendencia. Cria esses degenerados e predispostos, que offerecem um terreno tam mal armado contra o bacillo da tuberculose, um terreno inerte, passivo, verdadeira terra cheia de bom adubo, onde basta que a semente caia para logo germinar e chegar brevemente a planta vigorosa.

Sabe-se, alem disso, a despesa, relativamente enorme, que o amigo de bebidas alcoolicas consome inutilmente. Quanto, bem-estar, que melhora no alimento, no vestido, na habitação sua, de sua mulher e de seus filhos não pudera elle promover, se destinasse para a economia domestica o que vai parar à taberna ou loja de bebidas! Eiz por que nas familias de alcoolicos é mais elevado o contingente de tuberculosos.

O alcoolismo, eiz o principal inimigo. Eiz uma lepra, contra a qual é preciso pôr em acção os remedios mais energicos.

“A prodigalidade falta muito; a avareza falta tudo.”

CURIOSIDADES

Para reparar dos annos o irreparavel ultraje. — Nem todos sabem que hoje se reboca correntemente o corpo humano de modo que fecha os seus buracos accidentaes e dissimula as suas fendas anormaes, tam facilmente como se reboca uma parede que perden a cal. “Reboco”, não é talvez a palavra propria, sem dúvida, pois que é com paraffina e não com sulphato de cal que se opera. Pouco importa: o resultado é o mesmo. Depois da sensacional communicação feita à Academia de medicina de Paris pelo dr. Lagarde, precisamente um dos praticos que mais engenhosamente têm aperfeiçoado este processo paradoxal, já não é permittido aos mais scepticos contestar que doravante se tornou possivel “reparar dos annos o irreparavel ultraje”. Não sam somente os ultrajes dos annos, isto é, as depressões, as saliencias ou os sulcos, com que a velhice estigmatiza os tessidos amollecidos, que assim se pôdem reparar. Do mesmo modo se pôdem corrigir as disformidades congenitas ou adquiridas, os vestigios de ferimentos ou chagas, as cicatrizes mais ou menos profundas e hediondas, deixadas depois dum traumatismo qualquer, pela balla dum bandido ou pelo bisturi dum cirurgião. Refazem-vos um nariz, um labio, uma palpebra; concertam-vos uma frente ou uma face dum modo tam perfeito e tam simplez que ninguem, a não ser que esteja prevenido ou vos encare com attenção, poderá perceber que vós tivestes uma desgraça ou perdestes substancia. A carne viva amolda-se como barro ou cera molle, e a belleza fica como uma obra de arte que se pôde aperfeiçoar e corrigir. A um medico austriaco é que pertence a paternidade desta ideia. A principio serviu-se de vaselina. Visto que com effeito a vaselina é imputrescivel, visto que pôde ser posta e deixada impunemente em contacto com os tessidos vivos sem que seja para temer alguma irritação consecutiva, visto que, emfim, ella é assás macia e assás plastica para se ajustar sem esforço nem deterioração ás menores anfractuosidades da cavidade onde é injectada, visto que, fusivel a certa temperatura, ella se solidifica arrefecendo, era logico ensaiar utilizá-la para encher as depressões e mascarar os vincos do organismo humano. O raciocinio era justo e a vaselina deu alguns resultados animadores. Infelizmente ella tem sens inconvenientes, que não sam para desprezar. A vaselina acaba por se desagregar pouco e pouco: dahi se segue que ella se reabsorve ou se desfaz, o que não deixa de ser molesto, pois que dahi podem resultar accidentes graves. Accrescentemos emfim que a vaselina se liquefaz a uma baixa temperatura, para que se possa ter confiança nella. Não se dá felizmente o mesmo com a paraffina, que não está sujeita aos inconvenientes da vaselina. Assim é ao emprêgo desta preciosa substancia que convem attribuir o bom exito do methodo. O processo operatorio é extremamente delicado, e foi preci-

so crear uma ferramenta especial. Mas entre umas mãos experimentadas o processo faz maravilhas. Ninguem mais ficará condemnado a ser desfigurado.

Os raios “n.” e o cancro. — O dr. Triboulet deu conhecimento à Academia de medicina de Paris dos resultados maravilhosos que elle obteve tratando o cancro pela radio-therapia. Pôde observar por si nos campos o numero consideravel de epitheliomas cutaneos abandonados inteiramente à sua evolução progressiva, e dahi pôde deduzir que esse era um dos elementos mais importantes do augmento de frecuencia do cancro. O camponez que é attingido dum tumor canceroso, soffre a mais horrivel tortura physica e moral sem se resolver a atalhar o mal recorrendo aos medicos: a affecção aggravase e transmite-se, até que a morte venha pôr termo aos soffrimentos do desgraçado. Ora o eminente pratico pôde verificar que o emprego dos raios n constituia uma cura infallivel para os epitheliomas ulcerados. Muitas centenas de affecções com cinco, dez e até quinze annos de existencia foram curadas em dois meses por cinco a dez applicações de cinco a dez minutos cada uma.

Naris. Em Berlim ha um medico que endireita os narizes, os deminúe, os levanta, etc. Para um nariz que é muito aquilino, eiz-aqui como elle procede: com uma minuscula serra da sua invenção penetra sob as narinas e, fazendo correr o seu instrumento debaixo da pelle, contorna os ossos do nariz. Chegado ao ponto em que a saliencia ossea dá ao nariz o seu aspecto aquilino ou corvino, dá dois ou tres golpes de serra e assim separa a pequena exostose. Isto feito, tira a serra, introduz em seu logar uma lima muito pequenina com que pule a superficie ossea e lhe dá uma forma conveniente. Faz sair da chaga sub-cutanea as particulas osseas por meio duma injectação e termina a operação applicando um pequeno penso. Oito dias depois, o operado tem um nariz grego ou romano. E como toda a operação é feita debaixo da pelle, não deixa vestigios de cicatriz.

“Quem melhor ensina a pedir é a necessidade.”

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

Curso de Economia Social, cadernetas n.ºs 6 e 7, com as quas termina o 1.º vol. e se dá principio ao 2.º.

Nas capas lêmos o seguinte aviso, de que julgamos de necessidade dar conhecimento aos nossos leitores:

Ainda que a obra da «Economia Social» que estamos publicando foi traduzida da segunda edição franceza, por só agora ter apparecido a terceira edição, comtudo, como a impressão estava ainda no seu principio, nella introduzimos todas as addições e modificações que o autor fez na terceira edição desta obra monumental, uma das mais notaveis até ao presente publicadas.

Fazemos esta declaração para elucidación dos numerosos assignantes desta esplendida obra.

Além disto, esta bella obra é enriquecida com a legislação portuguesa, o que a torna dum valor extraordinario.

Nunca nos cansaremos de recomendar aos nossos assignantes a

A Restauração

acquisição de obra tam util e de tanta actualidade.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á Empresa da *Revista Catholica*, Vizeu.

—Relatorio sobre as contas da gerencia municipal de Coimbra no anno de 1903. E' um documento methodico, minucioso e claro, que bem mostra o cuidado e escrupulo com que se tem administrado o municipio de Coimbra.

—O *Progresso Catholico*, n.º 4 do XXVII anno. O summario é: Manuel Fructuoso da Fonseca (perfil), Chronica quinzenal, por P. Secção piedosa (Indicador religioso da quinzena, Evangelho, A corôa de espinhos, de Rachel), Questões actuaes (Confissões insuspeitas... e graves, por A. Moreira Bello), Litteratura (A lenda do cão, por Eurico), Secção social-christã. Um plebiscito acerca do descanso dominical, por Pins). As nossas gravuras, Secção poetica (Tarde de outomno, poesia por A. Jorge de A. Coutinho Lemos Ferreira), Boletim scientifico (A influenza, pelo Dr. * * *), Retrospecto da quinzena, Bibliographia.

—*Propaganda Catholica*, opusculo de n.º 97 (IX anno). O assumpto, tratado com a costumada perfeição, é *A Immaculada Conceição e os erros modernos*.

—*Voz de Santo Antonio*, n.º 2 da 6.ª serie (11.º anno). O summario é o seguinte: A Soberania do Papa. I parte — Secção doutrinal: Repouso dominical. — Excavações. — Duvidas propostas á Sagrada Congregação dos Ritos. II parte — Secção historica: Verdadeiro caracter de S. Francisco d'Assis. — O dogma da Immaculada Conceição na historia Franciscana. III parte — Leituras amenas: O Contra-Mestre João de Deus. — Insectos bemfeitores do homem. — Pensamentos e Anedoctas, etc. IV parte — Culto de S. Antonio: O Pão de S. Antonio em Braga. Torres Vedras, Barcellos, etc. V parte — Secção Scientifico-litteraria: O Liberalismo. — As nossas illustrações. VI parte — Chronica Universal: Roma. — França. — Carta de Africa. — Beira (Africa Oriental), etc. Gravuras: A Sagrada Familia. — Em.º Cardinal Vives. — Em.º Cardinal Ferrata. — Em.º Cardinal Seraphim Vanutelli. — A Immaculada de Bianchi. — Festas jubilarés da Immaculada na Beira (Africa Oriental).

—*Solução de problema importante*, por P. de Castro. E' uma clara synopse do trabalho que no anno passado foi publicado pelo mesmo auctor em francês e inglês. Revela um profundo estudo da questão eleitoral (que é o *problema importante* da epigraphie).

—*Curso de Economia Social*, cadernetas n.ºs 8 e 9. As presentes cadernetas tratam magistralmente da questão entre o patrão e o operario, sendo a cada passo citada a Encyclica *De conditione operarum* do immortal Leão XIII. Alem disto, tratam proficientemente as questões monetarias, das «paredes» (*agrêves*) do direito de associação, dos syndicatos, dos monopolios, etc., etc.

Não ha dúvida em affirmar que é a obra mais importante e de maior actualidade que se publica em Portugal.

Por isso mais uma vez chamamos a attenção dos nossos leitores e principalmente dos estudantes dos seminarios, para que adquiram esta bella obra antes que termine a sua publicação.

«Triste é a victória que o arrependimento acompanha.»

LITTERATURA

O MEDALHÃO

(Continuação)

Não, nunca os missionarios enviados á Polynésia encontraram maior ignorancia, nem espirito mais entorpecido na obscuridade da materia! Eu invoquei e Espirito Santo e principiei. Não era facil; mas Brás era docil e no triste meio em que vivia sua alma tinha-se conservado pura. Estava nas trevas, mas não estava no lodo. Com muitos esforços, muitas invocações ao Espirito de luz e de amor, cheguei a introduzir um clarão da verdade naquelle pobre e pequena intelligencia, e a extrahir-lhe dos labios as primeiras palavras da oração celeste: *Padre nosso, que estais nos ceus*.

—Volte amanhã, disse elle, e verá que não terei esquecido o que me ensinou.

Vim no dia seguinte, e no outro, e ainda em muitos outros; com tal interesse me tinha eu apegado a esta obra; não porque eu fosse muito bem succedida ou recompensada por um agradecimento expansivo, pois o meu discipulo ficou pouco mais ou menos o mesmo que eu tinha encontrado, verde de casca e de linguagem, duma comprehensão lenta e espirito tapado. Consegui com o auxilio de Deus, no espaço de dezoito meses, fazê-lo comprehender as grandes verdades da religião, ensinar-lhe as orações, os principaes artigos do catecismo, que eu traduzia numa linguagem ao seu alcance; porque o catecismo—ainda o mais simplez e elemental—era abstracto de mais para o meu pobre Brás. No fim dos dezoito meses apresentei o meu discipulo ao cura da aldeia, que o achou sufficientemente preparado para fazer a sua primeira communhão, á qual o admittiu na paschoa. Brás parecia muito contente, e eu creio que Nosso Senhor, que se compraz nos pequeninos e humildes, devia ficar satisfeito com aquelle coração ingenuo para quem raivava o dia da primeira felicidade e da primeira festa.

A partir desse momento eu via menos vezes o meu pobre Brás; foi collocado por moço em casa dum rendeiro, e não lhe davam vagar para vir ter commigo. Eu soube, não obstante, pelo nosso cura que o seu procedimento era bom e que elle não faltava nunca á missa aos domingos.

Dei graças a Deus sem pensar mais no assumpto; porque na vida umas obras succedem a outras obras. E' necessario cumprir com simplicidade o bem a que Deus nos convida na occasião actual, e passar logo a cumprir o bem a que somos por elle convidados na occasião subsequente. Ora, o meu filho, o meu Amaury, preocupava-me quasi exclusivamente: elle tinha entrado na escola militar de S. Cyro, e sempre me pareciam poucas as diligencias que empregava para multiplicar em volta delle os testemunhos de affeição, as lembranças, e enfim tudo quanto pudesse concorrer para que elle estivesse melhor preparado e armado no momento em que começa a luta contra as paixões da mocidade e as seduccões do mundo.

Partiu, e fiquei inteiramente só. Eu ia menos vezes ao campo: a vida de Paris e a actividade na pratica de boas obras agradava-me mais do que uma solidão absoluta, e eu não tinha noticias do Brás senão uma vez por anno. Era quando em resposta a um presente que lhe mandava elle me transmittia os agradecimentos pelo senhor cura. E este ajuntava sempre: «O comportamento do rapaz continúa a ser bom, pelo que dou graças a Deus».

Mas na primavera de 1833 voltei ao campo; e meu filho, convalescente duma ferida recebida em Africa, veio jantar commigo. Trazia-me a cruz da Legião de Honra, primeira distincção concedida á sua coragem de jovem... Essa cruz, olhe, está ali dentro do medalhão... Passei alguns dias contente e sem inquietações, vindo ao meu lado o filho por quem havia orado tanto, cuja ausencia tanto me havia dado que soffrer, e que era attencioso, meigo e terno como dantes, talvez mais ainda, porque a sua primeira experiencia dos homines do mundo tinha sido a favor de sua mãe... Brás veio, e tornei a vê-lo; tinha sido sorteado para soldado na vespera e coubera-lhe um daquelles numeros que todos acham maus, mas que para elle foi muito bom, pois o rapaz desejava partir e experimentar outra especie de existencia. Achei-o como antigamente: taciturno, agreste, duma timidez brusca e aspera: olhava de través para o meu filho que gracejava com elle a respeito das suas proesas futuras; mas quando eu lhe disse:

—Tu no regimento continuarás a portar-te bem, não é assim?

—Com toda a certeza, respondeu-me elle, voltando as costas.

—E' engraçado o seu protegido,

querida mãe? disse Amaury rindo ás gargalhadas. Que urso!

—Sejamos indulgentes, meu filho, respondi eu: debaixo daquelle tosco envolvero está uma bella alma. E além disso é órfão!

—E' bem digno de lastima! exclamou Amaury abraçando-me. Depois que vivi longe de si, minha mãe, comprehendendo melhor o que será não ter mãe.

Chegou enfim o dia da partida dos recrutas, e o som do tambor e retumbar das canções de despedida que querem ser alegres e só infundem tristeza acordou-me de madrugada; desci ao parque admirada de que o Brás não tivesse voltado a ver-me, quando lhe ouvi a voz por detrás de mim exclamando: «Minha senhora! minha senhora!» correndo esbaforido, com a fita tricolor no chapéu, e o ar mais animado e satisfeito que de costume. «Minha senhora, dizia elle, venho dizer-lhe adeus e muito obrigado.

Nós vamos a Marselha: talvez que eu não volte mais aqui; tome e guarde isto como lembrança do Brás. Adeus». E apertou-me de tal modo a mão, que julguei que ma partia. Deixou-me por lembrança uma navalha pequena... aquella que está no medalhão... Quis ainda dizer adeus, mas a voz sumiu-se-lhe; e para que eu o não visse chorar, deitou a fugir. O tambor chamava-o, e dentro em pouco o som rouco do instrumento e as vozes sonoras dos recrutas foram-se perdendo para o lado de Paris. A' noite rezei a ladainha de N. Senhora por intenção do Brás.

Meu filho partiu um mês depois. Elle foi reînir-se ao seu regimento em Africa; era a epoca das grandes guerras contra as tribus sublevadas e conduzidas a combate por Abd-el-Kader e seus tenentes. Correu muito sangue generoso; a França pagava caro a sua conquista. Meu filho fez parte da expedição que o general Trézel dirigiu para Bongie, e que devia submitter as tribus kalyas dispersas pelas montanhas; durante muitas semanas recebi sempre noticias delle; uma linha, uma palavra, escriptas debaixo da tenda, diziam que estava vivo... depois... (pobre de mim!) encontrei-me no meio dum silencio medonho... silencio de morte!

Esperei alguns dias sem sequer ousar informar-me da sua sorte, temendo a noticia que devia pôr fim á esperança... não ousava fallar com ninguem a respeito dos meus receios, estava até com medo das consolações que me dariam quando soubessem que eu já não tinha filho; eiz senão quando recebi finalmente uma carta de Africa... Era do general commandante com quem a minha familia tinha antigas relações... meu filho feito prisioneiro pelos kalyas, levado para as montanhas pereceu assassinado, assim como alguns outros soldados franceses, cujos nomes vinham publicados no *Moniteur de l'Armée*, que me remetiam incluso. Li essa lista funebre: li o nome estremecido do meu Amaury, e ao lado outro nome, o nome do órfão sem mãe, o nome do Brás, o Alegre.

A minha dôr foi o que devia ser, immensa, e contudo Deus permittiu que uma consolação do ceu illuminasse aquella noite sombria. Não foi a vingança estrondosa que tirou dos assassinos de meu filho o capitão Lamoricière, o que me consolou; não foi isto: (a senhora Julia tirou de dentro duma caixa de marfim, cuidadosamente fechada, um papel amarellecido pelo tempo e já gastó nas dobras. Entregou-mo, li, era assignado por Herbin, capitão do regimento 15 de linha):

«Minha senhora,

«Fui um dos companheiros de captivo do muito estimado filho de V. Ex.ª; assisti-lhe aos ultimos momentos, e pensei que estas recordações, que nunca me sairám da memoria seriam preciosas para o coração maternal de V. Ex.ª; eiz porque me animo a escrever a V. Ex.ª sobre este assumpto.

O tenente Amaury des Obeaux foi capturado pelos kalyas num passeio militar que dava pelos arredores de Bougie. Apearam-no, feriram-no, em uma mão com um zatagan, despojaram e levaram-no para as montanhas em companhia doutros seis franceses, soldados e colonos, entre os quaes estava eu. Não me demorei sobre o que tivemos de soffrer da parte dos nossos inimigos; não nos pouparam insultos nem maus tratamentos. Chegamos com muito custo, extenuados, meio mortos a uma aldeia perdida no fundo do Atlas, fomos expostos á curiosidade ultrajante dos habitantes, que corriam para vêr os *roumis*, e a sua attitude hostile nos fez presagiar a sorte que nos esperava.

Os chefes, os *marabutes*, depois de se terem combinado, reîniraram-se em volta de nós, e um delles que fallava a lingua *sabir* nos fez comprehender que tinhamos a escolher entre a abjurção ou a morte, Mahomet ou Jesus-Christo.

Ficamos submergidos num silencio de morte, não podiamos fallar: todos os nossos sentimentos de honra e de fé combatiam contra o apêgo natural á

vida; mas não nos deixaram tempo para deliberar: o mais velho dos *amins* interrogou o prisioneiro que estava mais perto delle, e disse-lhe que escolhesse. Elle... abjurou. Era um colono; tinha mulher e filhos. O segundo era um soldado judeu de nascença, a quem não custou dizer que não adorava Jesus-Christo. O terceiro, minha senhora, foi o filho de v. ex.ª. A' pergunta do *amin* calou-se, hesitou: sem duvida pensava em v. ex.ª. Um jovem soldado que estava junto delle, tomou de repente a palavra e disse:—Meu tenente, faça o que quiser, mas eu é que não renego o que vossa mãe me ensinou!

—Minha mãe! exclamou o tenente Amaury. — Sim, eu sou Brás Alegre, e quero morrer christão.—E eu tambem! exclamou o tenente Amaury, com ar-rojo sublime. Sou christão!

Fizeram ambos um gesto energico; o soldado fez o signal da cruz; o filho de v. ex.ª imitou-o... e ambos, minha senhora, um segundo depois, compareciam deante de Deus com a corôa dos martyres.

A piedade duma mulher kabila obteve o meu livramento; penso que a providencia me permittiu sobreviver para poder contar a v. ex.ª como morreram estes dois christãos heroicos, o tenente Amaury e o pobre soldado Brás Alegre. Dignai-vos, minha senhora, receber as homenagens do meu profundo respeito.

Justo Herbin.»

—Aqui tem a minha grande consolação disse D. Julia des Obeaux, ao terminar a narrativa. Meu filho morreu pela fé, animado pelo pobre órfão.

—A quem V. Ex.ª a havia revelado, disse eu.

—Não é bem verdade que Deus é cheio de misericordia ainda quando permite que pesem sobre nós as grandes tribulações? Quando me sinto muito abatida e muito triste, penso naquelles que me esperam, e meu coração toma alento; leio a *Vida dos Santos*, e ali encontro consolações ineffaveis... Olhe, hoje sam 30 de agosto, feste de S. Felis e Santo *Adaucto*: Um dia certo estrangeiro ao ver S. Felis caminhar para o martyrio, movido daquelle exemplo de heroísmo, exclamou: «Eu sou christão!» Morreram juntos; e o estrangeiro cujo nome se ignorava, ficou-se chamando *Adaucto*... Pois bem: meu filho não foi tambem o *Adaucto* do generoso Brás? Sem o Brás com a sua corajosa fé, que teria sido de Amaury?

—Minha senhora, enquanto V. Ex.ª ensinava o pobre órfão a rezar, Deus estava preparando a corôa de gloria para a frente de Amaury.

—E dou-me por bem recompensada, exclamou D. Julia, cravando os olhos marejados de lagrimas no retrato sorridente do jovem Amaury; por tam pequena obra de misericordia ter um filho martyr, que ineffavel delicia na meio da solidade maternal! (*Mathilde de Bourbon*).

(Tradução do francês por D. V. B. de Ol. M.)

«Por mau se deve ter o que só é bom para si.»

EXPEDIENTE

Terminando com o presente numero o 1.º trimestre do 2.º anno de *A Restauração*, vai proceder-se á cobrança do semestre. Rogamos a todos os senhores assignantes o obsequio de mandarem satisfazer, logo que lhes apresentem o respectivo aviso. Maior favor seria que mandassem pagar quanto antes por qualquer via, que nos poupasse as despêsas e trabalhos da cobrança.

Estes pedidos fazêmoslos ainda com mais instancia aos senhores assignantss, que estão em dívida de todo ou parte do primeiro anno.

E' facil de comprehender que uma publicação como esta vive exclusivamente do preço das assignaturas, ou então á custa do bolso da empresa; a qual, não sendo os pagamentos pontuaes, se verá obrigada a accumular o trabalho, inteiramente gratuito, da redacção com sacrificios pecuniarios.

Esperamos pois que este nosso pedido seja bem recebido pelos nossos assignantes.

«Importa viver bem, que não viver muito.»

«Quem tem mais?—Quem deseja menos.»

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juízo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado está pendente um processo de inventario orphanologico, por obito de Manuel José da Silva e sua mulher Maria Josepha de Abreu, que foram moradores no logar do Miradouro, da freguesia de Creixomil, desta referida comarca, no qual é inventariante Francisco José da Silva Guimarães, casado, da rua de S. Damaso, desta cidade; e no mesmo processo correm editos de trinta dias, que começaram a contar-se apos a segunda e ultima publicação deste annuncio, citando Domingos José da Silva, solteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, e filho dos inventariados, para assistir a todos os termos, até final, do já mencionado inventario, sem prejuizo do seu andamento.

Guimarães, 15 de fevereiro de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Silva Leal.

O escrivão do 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice e redactor da "Revista Catholica."

É por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humilhes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

São bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas tambem nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupado, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais candente e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeditando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundeza e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfazião completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquella cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

É este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta denta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferéncia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das luctuações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguia reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labirinto de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só à Igreja, mas à propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram tambem satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios eccleziasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portuguezas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congengere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º
LISBOA

ESTA interessante publicação que está sabido das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

É trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Assigna-se em TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRITIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por José Candido Gomes

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que accitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda a razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fora d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se em TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisada e augmentada sobre a decima sexta e nitima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

OS CENTROS NACIONALES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encommendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.